

# O JAPÃO, PEARL HARBOUR E A SAGA DO ALMIRANTE KIMMEL

## Parte III

**MÁRIO JORGE DA FONSECA HERMES**  
Almirante-de-Esquadra (Ref<sup>o</sup>)

---

### SUMÁRIO DA PARTE III

O regresso de Hiroito  
Tratado de Versailles. Liga das Nações  
Crise econômica  
O problema do recrutamento  
Centro de Altos Estudos  
Necessidade de ser potência  
O grande terremoto de 1923  
O casamento de Hiroito  
Do hiato liberal ao extremismo nacionalista  
Hiroito imperador  
Chang Tso-lin e Chiang Kai-Chek  
Conferência do Extremo Oriente  
O assassinato de Chang Tso-lin  
A entronização de Hiroito  
A Conferência Naval Tripartite  
A disputa do orçamento  
O assassinato de Hamaguchi  
A conquista da Manchúria  
Os votos de Hiroito  
A questão do herdeiro  
O assassinato de Inukai  
Caso Xangai  
A violência política extremista  
A retirada das Nações Unidas  
O Japão segue seu destino no sentido da guerra  
A visita oficial de Pu Yi  
Reorganização da administração de Manchukuo  
O recrutamento para o Exército

## O REGRESSO DE HIROITO

Em seu retorno ao Japão, Hiroito encontrou o país envolvido em crises.

A mais séria, preocupante, o assassinato do primeiro-ministro Takashi Hara, esfaqueado por um extremista de direita. “Hara morreu porque um fanático concluiu que ele faltava com o respeito à Marinha, ao assumir a pasta do Ministério, enquanto seu titular viajou a Washington para negociar os termos do tratado de limitação de tonelagem naval entre os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e o Japão. O assassino disse aos juízes que não se arrependia porque o morto havia insultado não apenas a Marinha, mas também o Imperador.”<sup>1</sup> Sua condenação a somente 12 anos veio confirmar a “leniência do tribunal em relação aos crimes políticos, que eram envolvidos em circunstâncias atenuantes”.<sup>2</sup>

## TRATADO DE VERSAILLES. LIGA DAS NAÇÕES

A delegação japonesa foi chefiada por Saionji, um liberal e internacionalista.

O Japão aderiu à Liga das Nações e mostrava-se preparado para exercer papel de destaque em seu seio. Saionji conduziu o Japão a essa posição, embora, internamente, não contasse com o apoio dos conservadores. Francófilo, estudara direito na França. Servira aos imperadores Meiji e Taisho – era um personagem de enorme influência na corte. Opunha-se ao militarismo e acreditava que a cooperação forte com o Ocidente deveria ser o caminho a nortear a diplomacia japonesa.

Em carta ao Imperador Taisho, na verdade para Hiroito, pois Taisho já havia perdi-

do grande parte de suas faculdades mentais, escreveu o idealista Saionji: “(...) os resultados da conferência (Versailles) terão um efeito profundo na posição do Japão na política internacional. O Japão reuniu-se ao grupo das cinco potências mundiais e este é o começo de nossa participação na política européia. Além disso, como ocupamos um lugar importante na Liga das Nações, adquirimos o direito de participar no futuro de todos os assuntos ocidentais.”<sup>3</sup>

O reconhecimento do desempenho de Saionji foi concretizado com o título de príncipe e a honra suprema da Grande Ordem do Crisântemo.

## CRISE ECONÔMICA

**No correr dos anos 20**, a situação interna japonesa começou a sofrer mudanças. Os anos promissores decorrentes da prosperidade pós-Grande Guerra terminaram subitamente, dando lugar a crises na economia, entre elas na agricultura, que determinou a migração do campo para as cidades e o conseqüente desemprego urbano. Esse fato estimulou a luta de classes e o aparecimento de grupos de esquerda sempre reprimidos pela polícia. O temor pelo “milênio comunista”, com o exemplo soviético, passou a atemorizar o palácio e a aristocracia. Porém, esses grupos “de forma alguma eram tão numerosos quanto os nacionalistas de direita, cujos clubes e sociedades secretas proliferavam como fungos (...), desde o início dos anos 20”.

De acordo com o contido na publicação *Bandeira de Brocado*\*, tais sociedades secretas atingiram, em 1941, o número alarmante ‘entre 800 e 900’. Embora diferenças-

\* N.A.: Edward Rahn, no prefácio de seu livro, destaca os *Diários de Kido* e o *Memorando Sugiyama*, ambos em dois volumes, ao lado do relatório *Bandeira de Brocado*, “uma monumental obra da ‘Inteligência Civil’”, ao lado de outras fontes, como as principais por ele utilizadas na elaboração do seu livro *Hiroito, por trás da lenda*.

sem em importância, tinham em comum “a premissa básica de que o imperador, em virtude de sua origem divina, deveria governar não apenas o Japão, mas todos os povos da terra”.<sup>4</sup> Todos os japoneses, segundo essas sociedades, deviam devoção fanática ao imperador e atuar como um baluarte contra o permissivismo político e moral.

No meio da crise econômica, social e política, o Japão passara a desempenhar o papel de potência mundial e, em consequência, a arcar com os gastos de uma enorme estrutura militar.

## O PROBLEMA DO RECRUTAMENTO

O Exército e a Marinha, instituições altamente conceituadas, começaram a enfrentar problemas de recrutamento e pressões políticas para a redução de gastos. A reação dos oficiais de carreira do Exército e da Marinha foi imediata. “Argumentavam seus líderes, era necessário aumentar o orçamento e não reduzi-lo, pois as Forças Armadas japonesas eram agora antiquadas, comparadas às de países que haviam participado nas principais campanhas da Grande Guerra.”<sup>5</sup>

## CENTROS DE ALTOS ESTUDOS

O Dr. Shumci Okawa e o nacional-socialista Ikki Kita, eminentes intelectuais ultranacionalistas, com suas pregações demarcaram o rumo que levaria ao 7 de dezembro de 1941. “O Dr. Okawa (...) seria julgado por crimes de guerra (...) e libertado depois de fingir com brilhantismo uma insanidade temporária. Ikki Kita, seu amigo e guru de longa data, foi morto por um pelotão de fuzilamento japonês em 1936.”<sup>6</sup>

Hiroito criou um centro de altos estudos “conhecido como ‘Hospedaria Universitária’, sob a direção do Conde Makino”,<sup>7</sup> protetor do Dr. Okawa. Frequentada por jovens oficiais e burocratas brilhantes, tor-

nou-se um clube fechado e seletivo, na sua efêmera existência de quatro anos, pois deixou de existir logo após o grande terremoto de 1923. “Ela também adquiriu a reputação de ser uma ‘Universidade de Inteligência’, fornecendo eventualmente planos para qualquer tema, desde rearmamento naval a operações secretas na China e na Manchúria; e seus membros, muito tempo após sua dissolução, permaneceram unidos e se consideravam parte de um clã privilegiado e seletivo, em estreito contato com o palácio e o imperador – capazes e prontos para cumprir suas ordens até mesmos na clandestinidade, se necessário.”<sup>8</sup>

Os ideólogos frequentadores da Hospedaria dividiam-se em três grupos quanto à necessidade da expansão territorial japonesa:

1º – A ameaça da Rússia Soviética era sustentada por poderoso *lobby*. Acreditavam seus seguidores que a URSS “se tornara a principal ameaça permanente para o Japão, tanto por causa da sua presença física na Manchúria como porque seus líderes pregavam abertamente a revolução mundial. O argumento era de que as próprias qualidades de respeito à autoridade e à disciplina cega tornavam os japoneses especialmente vulneráveis ao comunismo. Desse modo o objetivo a longo prazo do Japão deveria ser um confronto com a URSS na Sibéria, ganhar território ali e assegurar-se da erradicação da influência soviética na Manchúria e na Ásia em geral. Esse conceito tornou-se conhecido como a teoria Ofensiva Norte”.

2º – “Outra escola de pensamento se preocupava com a necessidade de o Japão tomar a liderança da Ásia para ajudar os chineses a superar seus inúmeros problemas e a expulsar os colonialistas ocidentais. Em seus melhores aspectos, essa teoria era pró-chinesa e implicava verdadeira amizade e igualdade.” Essa atitude “positiva” em rela-

ção à China, em sua primeira oportunidade de implementação, caiu por terra ao ser concretizada nas “brutais” 21 exigências. Posteriormente houve tentativas de aproximação com o Presidente Sun Yat-sen, que, infelizmente para os japoneses, morreu, e com Chiang Kai-chek, também considerado, a princípio, um possível aliado e colaborador no “Grande Projeto” japonês para Ásia.

3º – “Finalmente, havia aqueles que acreditavam que o Japão, um país tão desenvolvido” quanto as potências ocidentais, não poderia limitar sua esfera de influência à China, mas deveria competir em termos mundiais com as potências ocidentais, na China e em toda parte. Isso significava que o Japão não deveria deixar Grã-Bretanha, França e Países Baixos assumirem que suas possessões coloniais na Ásia estivessem asseguradas para sempre. Essa teoria tornou-se conhecida como Ofensiva Sul.

Hiroito, um estudioso de história militar e estratégia, embora no princípio apenas acompanhasse esses estudos, posteriormente viera a rejeitar inteiramente a “Ofensiva Norte”, a demonstrar uma impaciência considerável com os que levaram o Japão a se envolver numa longa guerra com a China e a favorecer claramente a opção “Ofensiva Sul”.<sup>9</sup>

### NECESSIDADE DE SER GRANDE POTÊNCIA

Os ideólogos japoneses preconizavam que, para o Japão ser uma grande potência, deveria ser tratado em pé de igualdade e possuir os meios para se defender das outras potências mundiais. “Daí a indigna-

ção demonstrada por muitos japoneses sobre a discriminação do número de navios de guerra que o Japão poderia construir e sobre calibre e o alcance máximo de seus canhões. Daí, também, a indignação japonesa quanto à recusa das “raças brancas” em concordar, na Conferência de Versailles, com um texto que estabelecia a igualdade jurídica entre as nações “sem distinção racial”. (...). Apesar de todas as declarações amigáveis de Hiroito à United Press em Paris, as atitudes americanas em relação ao Japão eram profundamente hipócritas, argumentavam alguns japoneses em 1921”.<sup>10</sup>

O Dr. Okawa publicou um livro chamado *Ásia, Europa e Japão* em que também considerava a possibilidade de guerra contra os Estados Unidos. Ele escreveu: “Esses dois países, Estados Unidos e Japão, estão destinados a lutar entre si como a Grécia teve que enfrentar a Pérsia e Roma a Cartago. Oh, Japão, isso acontecerá em um, dez, trinta anos?”

Ninguém poderá dizer. Preparem-se todos para esse chamado celestial”.<sup>11</sup>

### O GRANDE TERREMOTO DE 1923

“Para os japoneses, o 1º de setembro é tradicionalmente o equivalente à sexta-feira 13. A superstição foi enormemente aumentada quando, em **1º de setembro de 1923**, aconteceu a pior calamidade da história do Japão. Pouco antes do meio-dia, um terrível terremoto atingiu Tóquio, Yokohama e toda a região vizinha chamada Kanto. No Instituto Sismológico de Tóquio, os aparelhos ultrapassaram a escala Richter. (...) O terremoto foi seguido por

---

## No grande terremoto de 1923, os edifícios do Palácio Imperial sofreram poucos danos, e Hiroito, que estava trabalhando em seu escritório, não saiu de sua mesa

---



Â – Imperador Meiji (seu avô);

Ã – Imperador Taisho (seu pai);

Â – Criança;

Ã – Com a sua mãe (Imperatriz Sadako) e irmãos;

Â – Com o Rei da Inglaterra, Jorge V em 1921;

Â – Em trajes ocidentais após sua viagem à Europa.

(Fotos do livro “Hiroito – Por trás da lenda”)



IMPERADOR

H  
I  
R  
O  
Í  
T  
O



uma série de incêndios, que arrasaram as casas de madeira de Tóquio e Yokohama. Mais de 500 mil residências da região de Kanto foram destruídas e o número oficial de mortos variava de 100 mil a 150 mil.

O imperador e a imperatriz escaparam ilesos, pois estavam na propriedade de montanha em Nikko, assim como a Princesa Nagako. Os edifícios do Palácio Imperial sofreram poucos danos, e Hiroito, que estava trabalhando em seu escritório, não saiu de sua mesa.”<sup>12</sup>

As autoridades japoneses procuraram ocultar a catástrofe e não solicitaram auxílio internacional.

A posse do novo primeiro-ministro ocorreu no dia seguinte ao terremoto, no Palácio de Akasaka, e alguns dias depois foi decretada a lei marcial.

“Mas nem Hiroito, nem o novo governo tomaram as medidas necessárias para confortar e dar segurança aos aturdidos sobreviventes. (...). Semanas mais tarde, Hiroito fez um percurso a cavalo pela capital arruinada e contribuiu com 10 milhões de ienes ao fundo de assistência às vítimas.”<sup>13</sup>

“Os acontecimentos que se seguiram mostraram que antigos temores atávicos e superstições permaneceram sólidos. Os imigrantes coreanos, que eram o *lumpenproletariat* do Japão, tinham uma reputação execrável. Em Tóquio e Yokohawa espalharam-se rumores de que os odiados coreanos e os esquerdistas haviam ofendido com sua conduta os espíritos ancestrais japoneses, provocando o terremoto. Instintivamente os sobreviventes de Tóquio voltaram-se contra eles, culpando-os não apenas pelos saques, mas

pelo próprio abalo sísmico. Milhares foram massacrados, enquanto a polícia e o Exército observavam.”<sup>14</sup>

## O CASAMENTO DE HIROITO

Ocorreu no dia **26 de janeiro de 1924**. Já havia sido adiado por causa do terremoto. Houve pressão para que ocorresse nova postergação, “para que os convidados não pudessem perceber a recente calamidade; mas Nagako insistiu: estava noiva havia cinco anos e já esperara demais”.<sup>15</sup>

O casamento real serviu para elevar o moral do povo tomado de excitação e “os leais súditos japoneses, sempre ávidos leitores

de jornais **graças a meio século de educação obrigatória**, puderam penetrar no espírito das coisas”.<sup>16</sup> (Negritos do articulista).

“A cerimônia em si, do começo ao fim, ocorreu dentro do palácio, e mesmo os convidados mais privilegiados apenas vislumbravam

os rituais. Estes se desenrolaram dentro do Santuário da Família Imperial, um pequeno templo afastado, escondido por uma cortina de árvores (...).”<sup>17</sup>

A notícia da gravidez de Nagako foi dada na **primavera de 1925**. A decepção foi grande ao dar à luz uma menina, pois somente herdeiros homens asseguravam a continuidade da dinastia.

## DO HIATO LIBERAL AO EXTREMISMO NACIONALISTA

**De 1924 a 1927**, o Japão desfrutou de um clima de liberdade ainda desconhecido: “foi introduzido o sufrágio universal para todos os homens acima de 25 anos, o

---

**A corrupção era alta; o  
Zaibatsu ditava a política  
econômica e, “com  
algumas destacadas  
exceções, a reputação dos  
políticos era baixa”**

---



ã – Na cerimônia de entronização em 1928;  
 ¤ – Nas ruínas de Tóquio em 1945;  
 ¤ – Com o povo após a guerra;  
 ¤ – Na residência de verão;  
 ¤ – A família imperial em 1981;  
 (Fotos do livro “Hiroito – Por trás da lenda”)

## IMPERADOR



H  
I  
R  
O  
Í  
T  
O



efetivo do Exército foi ligeiramente diminuído e a imprensa japonesa tornou-se abertamente mais crítica. Os dois principais partidos políticos, o Minseito e o Seiyurkai, governavam alternadamente, como que por um acordo tácito”.<sup>18</sup> Os eleitores seguiam políticos e não programas partidários. O financiamento de campanha era oriundo dos grandes conglomerados industriais, o Zaibatsu. A Mitsubishi financiava o Minseito; a Mitsui, o Seiyukai. A corrupção era alta; o Zaibatsu ditava a política econômica e, “com algumas destacadas exceções, a reputação dos políticos era baixa”.

“O liberalismo sofreu um terrível golpe quando, em 1927, uma série de falências de bancos detonou uma crise pré-depressão, provocando o colapso da nova classe média e a extrema pobreza dos agricultores, que ainda constituíam o cerne da população japonesa. O Zaibatsu, ileso, comprou tudo o que encontrou à mão. A onda antiparlamentar e antinegociantes que se seguiu foi o combustível para os nacionalistas mais radicais, os militaristas e os autoritários chefes das sociedades secretas. Um novo ato de ‘Manutenção da Paz Pública’, votado pouco depois, reduziu drasticamente as liberdades civis e de expressão. A seguir foi iniciado um enorme expurgo nas escolas e universidades, assim como uma onda de prisões de comunistas, socialistas e supostos esquerdistas em todos os níveis da sociedade”.<sup>19</sup>

Relata o jornalista e escritor inglês Morgan Young, que vivia em Tóquio, que, em junho de 1928, “todos os professores liberais haviam sido excluídos das universidades.”

“Nessa época, outra exigência do General Saito (expressa em *Se a América e o Japão lutarem*) fora satisfeita: a partir de 1926, a educação e práticas militares foram instituídas nas escolas preparatórias e mé-

dias, e logo seriam estendidas a todo o sistema educacional.

O ‘culto ao imperador’ nas escolas recebeu uma conotação militar adicional, com as crianças fazendo desfiles em uniforme diante de fotografias de Hiroito, em uniforme de comandante-em-chefe.”<sup>20</sup>

O Exército, que havia diminuído seu efetivo em cerca de quatro divisões de infantaria, foi compensado por novas unidades de tanques e antitanques, uma divisão de comunicações e, mais tarde, um centro tecnológico de guerra química e bacteriológica. “Estes dois últimos, ao menos em parte, uma criação do Príncipe Kuni, sogro de Hiroito, e do próprio Hiroito, cuja paixão pela ciência e biologia marinha o levou a interessar-se aguçadamente pelos dois centros.”<sup>21</sup>

## HIROITO IMPERADOR

**Em 18 de dezembro de 1926** morre o Imperador Taisho. Hiroito, regente, já havia assumido todos os poderes de seu pai. Faltava-lhe apenas o título. O completo cerimonial japonês determinava que, formalmente, o reinado de Hiroito só começaria com sua entronização em Kioto, dois anos depois.

Hiroito escolheu a palavra “Showa” – “esclarecimento e paz”, para ser conhecido após sua morte. “Num livro publicado no quinquagésimo aniversário do reinado de Hiroito, *Cinquenta Anos de Luz e Trevas*, estava registrado que, à luz do que viria a acontecer mais tarde, chamar o reinado de Hiroito de “era de esclarecimento e paz” era uma “pesada ironia, sem par na história do país.”<sup>22</sup>

Hiroito assumiria, com a entronização, a descendência iniciada no ano de 660 a.C. por Jimmu. “Jimmu, o ‘divino filho de toda uma série de ancestrais divinos e mitológicos (...), um descendente direto da deusa

do sol, Amaterasu, ela mesma resultado de toda uma genealogia de deuses e deusas, (...), tornou-se um dogma apenas na época de Meiji, como uma útil sustentação para a autoridade do imperador, recentemente restaurada através do xintoísmo.”<sup>23</sup>

Desde que Meiji introduziu a educação obrigatória, os jovens japoneses eram ensinados a acreditar nessas lendas mitológicas. Os japoneses cultos percebiam que a origem estabelecida para o Japão em 660 a.C. por Jimmu Teno tratava-se de mito. “Hiroito, com sua paixão pela biologia marinha e seu interesse especial pelo darwinismo, recusava-se a levá-los a sério”, o que constrangia seus professores responsáveis pelo tema. “Queixavam-se ao príncipe Saionji de que seu pupilo real era relapso nos estudos sobre sua própria divindade. Saionji, um hedonista, admirador de Voltaire e da literatura erótica france-

sa dos séculos XVIII e XIX, um cínico que compreendia perfeitamente o questionamento de Hiroito, concordou com ele.”<sup>24</sup>

Mas o acreditar no absurdo e utilizá-lo como política de governo eram coisas distintas. A crença nos mitos pelo povo deveria ser estimulada, pois reforçava a obediência ao imperador divino e, em decorrência, facilitava a tarefa de governar. Foi isso que Saionji transmitiu a Hiroito e que este logo compreendeu.

**Em 1889** o trono presenteou a nação com uma Constituição calcada em grande parte no modelo prussiano. O imperador permaneceu como um monarca absoluto de origem divina. Como foi registrado no Livro do Ano Japonês, 1944-45, “o impera-

dor (...) não pode ser removido do trono por nenhuma razão e não pode ser responsabilizado por ultrapassar os limites da lei no exercício de sua soberania”. (...). “Logo, nenhuma crítica pode ser dirigida ao imperador, mas apenas contra os instrumentos de sua soberania. As leis não se aplicam ao imperador como princípio, especialmente as leis criminais, pois nenhuma corte jurídica pode julgar o imperador e ele não está sujeito a nenhuma lei.”<sup>25</sup>

Os poderes da Dieta eram relativos. “Havia acordo tácito – não expresso em nenhum artigo da Constituição – de que os ministros da Marinha e do Exército seriam escolhidos entre oficiais de carreira, com o objetivo de dar às forças militares o poder de veto sobre o conjunto dos ministérios.”<sup>26</sup>

A figura do imperador nesse contexto não era, contudo, de um fantoche. Qualquer decisão importante neces-

sitava que o documento que a promulgasse levasse o selo imperial. O imperador tinha a palavra final, inclusive a de fazer política, retardando ou bloqueando qualquer medida com a qual não concordasse. E Hiroito era, por índole e educação, um detalhista apaixonado pelo trabalho, que se debruçava sobre os temas que lhe eram apresentados para decidir. Individualmente, no Japão, ninguém era mais bem informado do que ele; sabia a qualquer momento o que se passava em qualquer esfera do poder.

“Quatro altos funcionários pessoalmente selecionados, na verdade assessores com enormes poderes, auxiliaram Hiroito a conduzir sua privacidade, seu palácio, sua vida pública.

---

## **“O imperador (...) não pode ser removido do trono por nenhuma razão e não pode ser responsabilizado por ultrapassar os limites da lei no exercício de sua soberania”.**

---

(Livro do Ano Japonês, 1944-45)

---

O primeiro em importância era o ministro da Casa Imperial; em segundo lugar vinham dois homens, o ministro do Selo Privado e o chefe Ajudante-de-Campo (ADC), ambos com deveres semelhantes, um civil, outro militar. Por fim, o camareiro-mor lidava com a administração do palácio e supervisionava a enorme fortuna particular do imperador. Por saber tudo sobre os bens pessoais do imperador, o camareiro-mor era também o elo não oficial entre ele e o Zaibatsu, os grandes conglomerados industriais, que também controlavam os bancos. O camareiro-mor era também responsável pela ‘secretaria de compromissos’ e, por essa única razão, era imensamente poderoso, como todos os que controlam os acessos.”<sup>27</sup> “Eram seus olhos e ouvidos ‘particulares’, e as facilidades para obter informações eram formidáveis.”<sup>28</sup>

\*  
\* \* \*

À época da morte do Imperador Taisho, dois personagens surgiram na política e nos eventos chineses. “Um deles era Chiang Kai-check, o ex-corretor ambicioso e determinado que tinha o objetivo de unificar a China e romper o poder dos comandantes militares, se possível com o apoio ativo de Hiroito. O outro era o General Chang Tso-lin, o ‘rei não coroado da Manchúria’, que lutara com os japoneses contra a Rússia na guerra de 1905. (...) Sob Chang Tso-lin a Manchúria transformou-se na mais bem administrada província chinesa. (...), tinha o hábito desconcertante de ordenar ‘cortem suas cabeças’ – as decapitações sem o benefício de julgamento foram em seu governo uma característica constante. Mas suas vítimas

eram na maioria traficantes de drogas, banqueiros corruptos, negociantes e contrabandistas, e as execuções sumárias tornaram-no famoso entre a gente simples.”<sup>29</sup>

### CHANG TSO-LIN E CHIANG KAI-CHECK

Segundo o tratado de 1926, as forças japonesas na Manchúria foram limitadas a alguns milhares de homens, para a proteção da ferrovia do Sul da Manchúria, propriedade japonesa, e ao Exército Kwangtung, cujo comando ficava em Port Arthur. As relações

do Japão com Chang Tso-lin eram amigáveis, apesar da presença japonesa na Manchúria.

Porém, Chang Tso-lin, do mesmo modo que Chiang Kai-check, tinha a ambição de controlar a China. Não se contentava Tso-lin em permanecer apenas na Manchúria e na Mongólia, onde seria um duro obstáculo às pretensões de Chiang

Kai-check, japonesas e soviéticas. Chang Tso-lin era um anticomunista dogmático e, talvez, movido por impulso ideológico, marchou com um pequeno exército sobre Pequim e depôs o general comandante, aliado de Chiang Kai-check, notório simpatizante comunista.

Em Pequim, Chang Tso-lin, incentivado pelos japoneses, invade a embaixada soviética e encontra documentos com planos do Concintern para “sovietizar” a China.

Chiang Kai-check que, em 1927, começara a deslocar seus exércitos para o norte desde sua base em Cantão, já havia percebido que se quisesse obter beneplácito internacional teria que romper com os comunistas. O achado de Chang Tso-lin foi o pretexto que procurava: “em **12 de abril de 1927**, a terça-

---

**A figura do imperador  
nesse contexto não era,  
contudo, de um fantoche.  
Qualquer decisão  
importante necessitava que  
o documento que a  
promulgasse levasse o selo  
imperial**

---

feira negra dos anais da história chinesa, ele traiu seus aliados comunistas com uma crueldade inesperada. Milhares foram presos e executados”.<sup>30</sup> Chiang havia chegado a Nanquim, onde estabeleceu a capital provisória a caminho de Pequim.

**Em 20 de abril de 1927** o General Griechi Tanaka é escolhido primeiro-ministro de Hiroito. “Como todos os principais chefes militares do Japão, Tanaka acreditava que o país deveria consolidar o seu domínio na Manchúria e na Mongólia, como um estado-tampão entre a Rússia comunista e a pobre e dividida China. Ele ficou preocupado com a recente marcha de Chiang Tso-lin para Pequim e aconselhou-o a retornar à Manchúria.”<sup>31</sup> Tso-lin respondeu que sua guerra contra Chiang, que até pouco era aliado dos comunistas, era a guerra do Japão e que deplo- rava o fato de o Japão manter relações amigáveis com Chiang.

---

## A Conferência do Extremo Oriente é corretamente considerada como a primeira prova evidente da “política de avanço” japonesa na China sob a égide de Hiroito.

---

(Junho de 1927)

---

### CONFERÊNCIA DO EXTREMO ORIENTE

**De 1º a 7 de junho de 1927** os japoneses se reúnem no que chamaram de Conferência do Extremo Oriente. “Os especialistas que organizaram esse encontro incluíam alguns dos mais inteligentes, mas também dos mais intransigentes defensores do expansionismo e do nacionalismo japonês nas fileiras militares e nos órgãos de inteligência. Hiroito estava inteiramente informado das contendas dos seus dossiês.”<sup>32</sup>

“A Conferência do Extremo Oriente é corretamente considerada como a primeira

prova evidente da ‘política de avanço’ japonesa na China sob a égide de Hiroito. Assistida por altos oficiais e diplomatas, (...), a conferência discutiu as diversas alternativas abertas ao Japão em sua determinação de ampliar sua influência na Ásia. Isso variava desde a conquista completa da Manchúria à mera consolidação da presença econômica ali.”<sup>33</sup>

Os propagandistas de Chiang Kai-chek publicaram um resumo da Conferência do Extremo Oriente num livro, *O Memorial Tanaka*, que detalhava o futuro “plano básico” para a

expansão japonesa na Ásia. Apesar de ser uma obra de propaganda, o conteúdo do *Memorial Tanaka* provavelmente fora discutido durante a Conferência: a conquista da Manchúria e de toda a China, que seria seguida da anexação de toda a Ásia e do confronto armado com os Estados Unidos.”<sup>34</sup> Entre os moderados havia oposição quanto às in-

tenções expansionistas japonesas, insustentáveis para o Japão em suas atuais condições econômicas.

De qualquer modo, “a maioria dos especialistas que estavam em Tóquio na época concordavam em que o tom da Conferência correspondia substancialmente ao *Memorial Tanaka*, mesmo que não tivesse sido apresentada a Hiroito naquela forma”.<sup>35</sup>

### O ASSASSINATO DE CHANG TSO-LIN

**“Na primavera de 1928** Chiang Kai-chek marchou para o norte e o Exército de Chang

\*N.A.: O rígido protocolo determinava que qualquer comunicado ao trono não excedesse duas páginas.

Tso-lin era inferior tanto em homens como em armas.”<sup>36</sup> Em Tsinan, próxima a Pequim, as tropas do KMT de Chiang Kai-chek e “unidades do Exército japonês da concessão internacional de Tientsin, enviadas para proteger civis japoneses, enfrentaram-se violentamente em uma série de escaramuças isoladas. (...) Esses confrontos cresceram até se transformarem numa batalha em grande escala, com um ataque maciço das tropas japonesas a Tsinan em 8 de maio, na qual se cometeram atrocidades e foram mortos pelo menos mil soldados e civis chineses. Chiang Kai-chek requereu uma investigação da Liga das Nações, que não tomou qualquer atitude. (...). Chiang viu, pela primeira vez, como as tropas japonesas eram visceralmente antichinesas, mas sua preocupação era esmagar Chang Tso-lin, e deliberadamente não tomou mais qualquer iniciativa que pudesse provocar os japoneses”.<sup>37</sup>

O governo japonês assegurou a Chang Tso-lin que ele poderia salvar-se caso se retirasse de Pequim. Os diplomatas ocidentais em Tóquio receberam informações de que Chang Tso-lin seria instado a retirar-se sem lutas. Acrescentou Tanaka aos embaixadores das “potências”: “Espero ver Pequim evacuada e sendo passada tranqüilamente às mãos dos sulistas (o KMT)”.<sup>38</sup>

Tso-lin contou com o apoio ocidental, cujo único propósito era a segurança das

famílias européias e americanas em Pequim e na concessão internacional de Tientsin.

O rei não coroado da Manchúria deixou Pequim em 1º de julho, contudo não chegou ao seu destino. O trem particular em que viajou foi explodido pelos japoneses ao aproximar-se da cidade de Mukden. “O vagão de Cheng Tso-lin elevou-se no ar. Ele morreu instantaneamente com outros 18 passageiros.

Aquele ultraje, afirmou candidamente o Exército japonês, fora sem dúvida obra de ‘rebeldes’.”<sup>39</sup>

“A versão da morte de Chang Tso-lin por ‘rebeldes’ permaneceu, é claro, como a versão oficial durante muitos anos e foi a única mencionada na imprensa japonesa. Foi somente depois da Segunda Guerra Mundial, quando a promotoria do IMTFE” começou a investigar as carreiras passadas de supostos crimes de guerra japoneses, que alguns detalhes realmente foram esclarecidos.”<sup>40</sup>

“O General Ishiwara, em depoimento aos promotores do IMTFE, relatou que Tanaka dera ao imperador os nomes dos três principais conspiradores – Major Doihara, Coronel Itagaki e dele próprio, então coronel – que haviam planejado o assassinato de Chang Tso-lin. Se a indignação moral de Hiroito tivesse sido tão verdadeira quanto ele deixou claro a Tanaka, o imperador poderia ter interrompido as carreiras militares dos três.”<sup>41</sup> Mas tal não aconteceu, muito pelo contrário.

---

**Esses confrontos  
cresceram até se  
transformarem numa  
batalha em grande escala,  
com um ataque maciço das  
tropas japonesas a Tsinan  
em 8 de maio, na qual se  
cometeram atrocidades e  
foram mortos pelo menos  
mil soldados e  
civis chineses.**

---

(Primavera de 1928)

---

\* N.A.: IMTFE – *International Military Tribunal of the Far East*.

## A ENTRONIZAÇÃO DE HIROITO

“Em 6 de novembro de 1928, o imperador e a imperatriz saíram do palácio em caruagens separadas em direção à estação ferroviária de Tóquio. A viagem a Kyoto durou dois dias; o trem imperial seguia intencionalmente devagar, enquanto os aldeões e escolares das cidades vizinhas prostravam-se ao longo dos trilhos.”<sup>42</sup>

O cerimonial previa uma série de eventos, “culminando com a entronização [do imperador] em Kyoto, a capital de seus antepassados, com uma série de cortejos cívicos, banquetes e rituais xintoístas. Houve um esforço do governo para apresentar Hiroito ao seu povo como um imperador moderno e voltado para o futuro”.

“Os paramentos do casal dificultavam sua movimentação. O traje de Hiroito foi intencionalmente copiado dos mais antigos registros desses rituais que remontavam, no mínimo, a mil anos, (...) (...). Hiroito fez uma proclamação invocando os espíritos ancestrais e o ‘desejo de preservar a paz mundial e favorecer a prosperidade da raça humana’, a que o primeiro-ministro Tanaka respondeu com uma homilia curta e congratória, concluindo com “*Tenno Heika, banzai*” (que o Senhor Imperador viva dez mil anos). Com extraordinária coordenação para aquela época pré-eletrônica, o grito se elevou por todo o país no mesmo instante, seguido pelo hino nacional japonês, o *Kimigayo*.”<sup>43</sup>

“As celebrações duraram cerca de duas semanas, que incluíram rituais de purifica-

ção, a cerimônia de imersão no rio, de contemplação (silenciamento do espírito) e o místico Daijo-sai, a oferenda do alimento simbólico aos deuses do xintoísmo, um ritual interminável e complicado que durou várias noites. Uma delas Hiroito passou sozinho, em comunhão simbólica com sua ancestral a deusa do sol Amaterasu, para ser renascido.”<sup>44</sup>

Somente após 20 dias, no seu regresso ao palácio imperial em Tóquio, “encerradas as cerimônias, Hiroito foi considerado pelo clero xintoísta plenamente qualificado a ser

---

**Se a indignação moral de Hiroito tivesse sido tão verdadeira quanto ele deixou claro, o imperador poderia ter interrompido as carreiras militares dos três conspiradores responsáveis pela morte de Tso-lin. Mas tal não aconteceu, muito pelo contrário.**

---

(Primavera de 1928)

---

o líder religioso supremo e agir como o único intermediário entre o mundo dos vivos e o dos espíritos”.<sup>45</sup>

A distância entre o imperador e o povo era abismal e cresceu após a cerimônia de entronização – embora esta acabasse por constituir-se em excelente operação de relações públicas. A cerimônia impressionou vivamente os diplomatas ocidentais que viam em Hiroito – o único imperador que já saíra do

Japão – um monarca que trilharia o caminho da moderação e de uma era progressista. Ele e seus ajudantes palacianos, todos considerados moderados pela diplomacia ocidental, “certamente seriam capazes de reprimir os aventureiros que porventura surgissem nas Forças Armadas”. Os detalhes do assassinato de Chang Tso-lin eram de conhecimento restrito. “O mundo lá fora não só estava pronto para conviver com o Japão, grande potência, como via seu amadurecimento com simpatia.”<sup>46</sup>

Apesar do expurgo dos liberais nas universidades e da militarização do sistema edu-

cacional, os observadores estrangeiros não viam com inquietação esses fatos. A grande preocupação estava ligada aos efeitos da grande depressão provocada pelo *crash* de 1929. O Japão, ainda um país predominantemente agrícola, abrigava superpopulação no campo. A depressão atingiu, sobretudo, a indústria artesanal da seda, cuja produção era quase que totalmente exportada para os Estados Unidos; ter essa exportação abruptamente cortada representou forte golpe para esses agricultores que representavam a metade da população agrícola japonesa.

“Parte do novo radicalismo militar foi resultado do conhecimento profundo da difícil situação dos camponeses, pois muitos soldados dessa época já provinham da pobre classe média baixa ou de famílias camponesas. Mas Hiroito não estava muito interessado nas dificuldades de seu povo. Talvez fosse inevitável que alguém vivendo num plano tão rarefeito tivesse dificuldade de entender a natureza da miséria profunda. (...) Os oficiais do Exército e os altos tecnocratas japoneses tinham plena consciência da crise.”<sup>47</sup>

A solução por eles aventada seria a de emigração, patrocinada pelo governo, de camponeses para a Manchúria. Foi elaborado um plano que previa quota de emigração até 1956. Contudo, a Manchúria não se constituía em espécie de eldorado, embora esse fosse um mito assumido como verdade. A colonização da Manchúria, solução para o problema econômico-social, constituía-se “também como uma elegante solução militar”.

## A CONFERÊNCIA NAVAL TRIPARTITE

O problema da economia do Japão era real e muito sério. Todavia o tema político mais discutido pelo governo e a elite japonesa era o papel do Japão como poder naval. As reuniões preparatórias ocorreram em Washington. Em Londres, seria a decisiva, que dimensionaria as Marinhas do Reino Unido, dos Estados Unidos e do Japão. Americanos e ingleses forçavam a relação 10-10-6, seis toneladas para o Japão

para cada dez toneladas para britânicos e americanos.

“O propósito era evitar uma corrida armamentista, mas no Japão a Conferência foi considerada racista e um insulto deliberado. **Que direito**, perguntavam os nacionalistas, **têm os poderes ocidentais de interferir na prerrogativa do Japão de construir os navios de guerra de que necessita?**”<sup>48</sup> (grifos do

---

**Encerradas as cerimônias,  
Hiroito foi considerado  
pelo clero xintoísta  
plenamente qualificado a  
ser o líder religioso  
supremo e agir como o  
único intermediário entre o  
mundo dos vivos e o dos  
espíritos**

---

articulista).

A responsabilidade das discussões, em Washington e Londres, coube ao Almirante Yamamoto, um contra-almirante ainda com pouco tempo no posto. “Yamamoto não compartilhava da visão xenofóbica de alguns de seus colegas. À frente do seu tempo, ele acreditava que medir força naval unicamente pela tonelagem era definitivamente obsoleto. Acreditava também numa força de navios pequenos muito velozes e facilmente manobráveis, em submarinos e, sobretudo, numa força de ataque baseada em porta-aviões.”<sup>49</sup> Para ele a correlação de forças 10-10-6 era mais que

suficiente. Hiroito, estudioso de história militar e um estrategista amador, concordava com Yamamoto, mas, para efeito de discussão em Londres, o Japão deveria defender a correlação 10-10-7.

Após as negociações em Londres em 1930, o Japão havia conseguido 6,9945 para cada 10 toneladas que caberiam aos Estados Unidos e ao Reino Unido. Foi uma vitória que consagrou Yamamoto. Ficou ainda estabelecido que os Estados Unidos retardariam a construção de três cruzadores pesados e que o Japão, em 1936, teria direito a 73% de paridade. E, o mais importante ainda, a força aeronaval não foi sequer mencionada no acordo.

“Yamamoto e o ministro da Marinha tiveram uma recepção calorosa. Foram recebidos em audiência por Hiroito, que os cumprimentou formalmente pelo trabalho. (...) Hiroito tinha o mesmo ponto de vista de Yamamoto de que a inovação técnica determinaria realmente o poderio naval.”<sup>50</sup>

## **A DISPUTA DO ORÇAMENTO**

A disputa que se seguiu foi a dos meios pecuniários para a construção da grande armada japonesa. O vultoso orçamento para a Marinha gerou uma disputa interarmas, pois os generais, com os olhos voltados para a Manchúria, luta que se daria em terra e teria um custo elevado, não concordavam com a disparidade orçamentária entre as

duas forças. No fundo, o General Ugaki, chefe do Estado-Maior do Exército, e o primeiro-ministro Hamaguchi entendiam as necessidades da Marinha no contexto militar japonês. Porém existiam exigências políticas fruto de problemas internos no Exército. Para a concordância orçamentária, o governo deveria “ser mais tolerante com os gru-

pos nacionalistas e as sociedades secretas de todos os tipos em troca da aprovação orçamentária para a construção naval”. As sociedades secretas constituíam-se em terrenos férteis para todo o tipo de ideologia militar extremista.

Ficou patente para o Estado-Maior do Exército que a operação Manchúria teria que ser lastreada em baixos custos. Foi desarquivado o planejamento elaborado pelo então Tenente-Coronel Ishiwara – um dos planejadores do assassinato de Chang Tso-lin, que levava em conta o fator custo.

“Hiroito, que quase certamente estudara esse documento, já sentia um interesse

quase paternalista por Ishiwara e seu auxiliar Itaki, ambos oficiais brilhantes de Estado-Maior, anticonvencionais e promissores.”<sup>51</sup>

## **O ASSASSINATO DE HAMAGUCHI**

**Em outubro de 1930** – enquanto se discutia a questão do orçamento – Hiroito

---

**À frente do seu tempo,  
Yamamoto acreditava  
também numa força de  
navios pequenos muito  
velozes e facilmente  
manobráveis, em  
submarinos e, sobretudo,  
numa força de ataque  
baseada em porta-aviões**

\*

**Hiroito tinha o mesmo  
ponto de vista de  
Yamamoto de que a  
inovação técnica  
determinaria realmente o  
poderio naval**

(Em 1930)

---

assistia, a bordo do capitânia da esquadra, a manobras navais da Marinha japonesa. Ficou vivamente impressionado com a demonstração realizada por Yamamoto: “as aeronaves decolavam de suas bases nos porta-aviões e eliminavam os navios convencionais, numa batalha realista simulada para o imperador.

Em 1921, George C. Ross, jovem oficial servindo no Japão, informava para a Marinha Real:

“A menos que comecemos logo um programa de construção naval, ficaremos muito atrás do Japão. Eles trabalham dia e noite em seus estaleiros. (...). Além do mais estão muito atualizados em tudo. O mais alarmante é que eles começaram há apenas poucos anos.”<sup>52</sup>

Em 1930 o Japão já se tornara a força aeronaval mais moderna do mundo. A base aeronaval sob o comando de Yamamoto, conhecida apenas por poucos, inclusive na Marinha, obteve o máximo do orçamento alocado à força. Os pilotos escolhidos pessoalmente pelo Almirante Yamamoto tornaram-se os melhores pilotos militares entre aqueles de todas as nações.

“Hiroito fora diretamente das manobras da Marinha para as do Exército. Hamaguchi deveria tê-lo acompanhado. Contudo, Hamaguchi, como Hara nove anos antes, era um homem marcado. Por concordar com o tratado de limitação das Forças Navais e tentar diminuir as cifras da Marinha, tornou-se identificado pela ala lunática dos movimentos direitistas como um dos conselheiros malditos do imperador, o qual deveria ser eliminado como um dever patriótico.”<sup>53</sup>

“Hamaguchi sabia que corria perigo de morte, do mesmo modo que órgãos da imprensa ligados à extrema direita e às sociedades secretas Dragão Negro e Cerejeira em Flor.”

“Na manhã de 14 de novembro, quando estava para embarcar no trem, levou um tiro no estômago, disparado por um direitista quase analfabeto, Tomeo Sagoya, que foi preso imediatamente.”

O imperador recebeu a notícia no campo, a 500 km de Tóquio. Não entendeu necessário retornar à capital para manter-se perto dos acontecimentos.

O atendimento de Hamaguchi pelos médicos na enfermaria da Universidade Imperial de Tóquio beirou a incompetência. Morreu em consequência da cirurgia malfeita cinco meses depois, a despeito do otimismo divulgado pelos cirurgiões. “Com extraordinária força de vontade conseguiu cumprir alguns de seus deveres

---

### **Hiroito já sentia um interesse quase paternalista por Ishiwara e seu auxiliar Itaki, ambos oficiais brilhantes de Estado-Maior, anticonvencionais e promissores**

---

essenciais nas semanas que se seguiram. Com dores terríveis, dirigia a sessão da Assembléia em que seriam discutidas as verbas da Marinha, e o fez com uma voz quase inaudível.”<sup>54</sup>

O julgamento do assassino veio, uma vez mais, mostrar a leniência dos tribunais em relação aos crimes políticos articulados pela extrema direita nacionalista. “Sagoya passou os três anos seguintes em liberdade condicional, antes de ser condenado à morte em 6 de novembro de 1933. Mas, três meses depois, foi anistiado.”<sup>55</sup>

“O assassinato virtualmente impune de Hamaguchi marcou o fim dos poucos anos liberais de Hiroito. A era da inocência terminara e a dos assassinos começaria em breve.”<sup>56</sup>

## A CONQUISTA DA MANCHÚRIA

A primeira grande conspiração visava ao ministro da guerra, Ugaki. Dela participaram o Dr. Okawa, antigo diretor da Hospedaria Universitária, e o Coronel Hashimoto, ativista da Sociedade Cerejeira em Flor.

Nessa época pouca coisa era percebida pelos observadores e diplomatas estrangeiros. Após a Segunda Guerra, os investigadores do IMTFE penetraram no âmago

da Conspiração de Março, mas não puderam concluir se o propósito era matar o General Ugaki ou apenas desmoralizá-lo. Porém, em ambos os aspectos falhou, pois “Hiroito designou-o para o cargo de governador-geral da Coréia. Ugaki, mais tarde, desempenhou papel-chave

como membro do ‘partido da paz’, apres-sando Hiroito a concluir a Segunda Guerra. Foi dos poucos oficiais-generais que se opunham aos representantes mais xenófobos do Exército”.<sup>57</sup> Uma das conclusões sobre a Conspiração de Março é que era vista como uma preliminar necessária à intervenção militar na Manchúria.

O planejamento iniciado seis meses mais tarde para a invasão da Manchúria foi praticamente perfeito, inclusive em sua execução. “Aqui novamente o grau e a natureza do envolvimento de Hiroito são ainda questões controvertidas. Três oficiais consideravelmente experientes com chineses – os Coronéis Daihara, Itagaki e Ishiwara – tiveram papéis fundamentais: Ishiwara como

planejador teórico e global, Itagaki como coordenador de Estado-Maior e Daihara como contato político oficial com a Manchúria chinesa. Essa conspiração foi tão ampla, mobilizou tantas fontes e exigiu uma cronometragem tão perfeita que não poderia ter acontecido sem o consentimento tácito e até mesmo o apoio ativo do estado-maior japonês. Novamente é improvável, pelo interesse e pela curiosidade de Hiroito no que dizia respeito ao Exército,

que o imperador não estivesse informado sobre a conspiração.”\*

O plano do Coronel Ishiwara, “idealizado vários anos antes” e implementado com a assistência de vários membros da Cerejeira em Flor, foi notável por ser relativamente barato: a economia de Ishiwara era aos olhos

de Hiroito uma grande virtude. O plano contava em tomar o sul da Manchúria pelo interior confiando quase exclusivamente no Exército Kwangtung e na guarda da Ferrovia Japonesa, já estacionada lá permanentemente graças a acordos firmados havia muito tempo com a China. Embora as tropas da Coréia japonesa pudessem mais adiante ser chamadas, Ishiwara via o deslocamento inicial como uma guerra relâmpago, onde seriam utilizadas apenas as tropas estacionadas legalmente no sul da Manchúria”.

Outra vantagem é que ele fora concedido no contexto de uma revolução antichinesa e anti-Chiang Kai-chek. Os manchus não se consideravam totalmente chineses e “tam-

---

### **O assassinato virtualmente impune de Hamaguchi marcou o fim dos poucos anos liberais de Hiroito. A era da inocência terminara e a dos assassinos começaria em breve**

---

\* N.A.: Nesta época muito pouco era percebido pelos observadores estrangeiros. Somente com as investigações do IMTFE, os detalhes foram esclarecidos. Contudo, os investigadores não chegaram a uma conclusão sobre a posição de Hiroito.

bém senhores de terras e nobres menores achavam ter um futuro melhor com os japoneses do que com Chiang Kai-chek. E no lado japonês da Concessão Internacional de Tietsin estava Henry Pu Yi, último imperador da China, sendo assiduamente cortejado pelos funcionários japoneses”.<sup>58\*</sup>

A operação Manchúria foi iniciada em **18 de setembro de 1931**, com a colocação de uma pequena quantidade de dinamite “ao longo da linha norte de Mukden, da Ferrovia Sul da Manchúria, planejada para explodir com o máximo de barulho e o mínimo de danos. (...). A explosão foi ouvida por uma patrulha chinesa que foi investigar o incidente e se viu sob a artilharia japonesa. O “incidente” seguiu seu curso: o Coronel Itagaki deu ordem de atacar e, em todo o sul da Manchúria, as tropas japonesas, havia dias em estado de alerta, começaram um ataque-surpresa às guarnições chinesas. Em poucas horas estava tudo terminado e Mukden era controlada pelo Japão, com perda inicial de poucas vidas japonesas e 400 mortos chineses”.<sup>59</sup>

Os japoneses sustentaram sempre para seu público interno e para o exterior que responderam ao ataque das tropas chinesas.

“Na sede da Liga das Nações, em Genebra, os diplomatas japoneses disseram a seus colegas que o ‘infeliz acidente’ fora ‘provocado’ por ‘desordeiros chineses’, mas que as tropas japonesas logo retornariam a seus quartéis. Num típico exercício de aperto de mãos, o conselho da Liga das Nações intimou os governos chinês e japonês a evitar qualquer ação que pudessem agravar o conflito. Apenas 12 dias após o ataque japonês (30 de setembro), um emissário do Exército Kwangtung chegou a Tientsin com uma mensagem altamente

importante para Henry Pu Yi: se ele estivesse pronto para ir à Manchúria, o governo japonês estaria pronto para restaurar lá a dinastia Manchu.”<sup>60</sup>

O Japão logo percebeu que, “embora a Manchúria possa assumir a estrutura de um país independente, não seria mais que uma nação fraca e pequena cujo destino deve ser controlado por uma nação mais forte”.<sup>61</sup>

A Manchúria, com a próxima chegada de Henry Pu Yi, selaria “um compromisso formal assumido pelo Japão de defendê-la contra seus inimigos; e o simples mas engenhoso meio de controlar a nova administração-fantoches sem transgredir as leis internacionais era que os funcionários japoneses assumiriam a nacionalidade manchu”.<sup>62\*\*</sup>

A criação do Estado-fantoches da Manchúria foi um ato apoiado “pelos grupos de direita do Exército japonês, mas também por uma ampla maioria da população. Empresários de toda espécie estavam bem conscientes das oportunidades comerciais, pois os japoneses teriam – o que de fato aconteceu – oportunidade para operar sem nenhuma competição, massacrando todos os concorrentes ocidentais e chineses. Economistas, demógrafos e acadêmicos também viam uma emigração japonesa a longo prazo para a Manchúria como a única solução para o problema da superpopulação”.<sup>63</sup>

“O Relatório Lytton da Liga das Nações provou efetivamente que “o Incidente Mukden foi pura agressão japonesa e que a suposta destruição dos trilhos da ferrovia, que em princípio provocou a intervenção, foi um ato cuidadosamente planejado.”<sup>64</sup>

\* N.A.: A vida de Henry Pu Yi foi retratada em 1987 no filme “O último imperador da China”. de Bernardo Bertolucci.

\*\* N.A.: Segundo documentos do IMTFE.

## OS VOTOS DE HIROITO

Ã

Em 1926 Hiroito proclamara: “O mundo está hoje em processo de evolução. (...). A política estabelecida por esta nação defende o progresso e o desenvolvimento. (...), desenvolvimento para acompanhar os avanços da civilização, harmonia nacional em propósitos e ações, beneficência a todas as classes de pessoas e amizade a todas as nações do mundo: são esses os objetivos cardeais para os quais nossa mais profunda e permanente solicitude está dirigida”.<sup>65</sup>

“Esses votos – depois do surgimento de Manchukuo\* – poderiam ser traduzidos: **Amizade de todas as nações** era, e seria cada vez mais, uma amizade nos termos do Japão, a amizade de um senhor arrogante distribuída entre nações submissas; **beneficência a todas as classes de pessoa** tornou-se um aperto de cinto sem precedentes para pagar os crescentes custos das Forças Armadas; e a **harmonia nacional** chapinhava agora num lamaçal de golpes, os conspiradores tornando-se cada vez mais audaciosos, conscientes de que os motivos patrióticos eram uma grande desculpa para garantir a complacência judicial.”<sup>66</sup>

## A QUESTÃO DO HERDEIRO

Os primeiros anos da década de 30 foram difíceis para Hiroito. Entre problemas graves, como os assassinatos dos líderes políticos próximos ao governo por fanáticos das organizações ultranacionalistas, aparecia um mais preocupante para Hiroito: após seis anos de casado, não possuía um herdeiro. “Embora o assunto fosse sensível demais para ser aventado pela imprensa, a inabilidade do imperador em produzir filhos homens provocou tensões na corte, inquietação nos sucessivos governos e nas

Forças Armadas.”<sup>67</sup> O nome do irmão, o Príncipe Chichibu, era trazido à cena pelos conspiradores mais extremados.

A hipótese do costume de utilizar-se de concubinas para gerar o herdeiro – levada de modo indireto pelo “genro”, Príncipe Saionji – não era aceita pelo monógamo Hiroito. Não importava se o próprio Meiji fosse “tecnicamente ilegítimo”. Saionji fez ver a Hiroito que Nagako entenderia a possibilidade de reviver este “honroso” hábito. Nagako – a despeito dos “livros de cabeceiras” com preciosas ilustrações e conselhos sexuais e maneiras de assegurar a concepção de filhos homens que recebera de sua sogra e de “infusões de ervas” que a Imperatriz Sadako lhe ministrava, deu à luz apenas meninas: Terunomiya (Pequeno Raio de Sol), em novembro de 1926; outra menina em 1927, que faleceu pouco depois; uma terceira em 1929 e outra em 1931.<sup>68</sup>

A conspiração de outubro, “que pretendia dissolver a Assembléia e obrigar Hiroito a aceitar um governo militar e também assassinar todo o gabinete do imperador”<sup>69</sup>, foi abortada. Nela estava envolvido o eterno conspirador Dr. Okawa, assim como ativistas da Sociedade Cerejeira em Flor. O estudo *Bandeira de Brocado*\*\* detalha essa conspiração e os que dela participaram. De algum modo favoreceu Hiroito, pois a Liga das Nações resolveu dar uma trégua em suas investigações sobre a Manchúria a fim de “não irritar ainda mais os agitadores militares que já causavam embaraço ao imperador”<sup>70</sup>.

## O ASSASSINATO DE INUKAI

Na mudança do gabinete, Hiroito, a conselho de Saionji, convocou o velho político de 75 anos Tsuyoshi Inukai, velho amigo de Chiang Kai-Chek. Em seu primeiro encontro

\* N.A.: Nova denominação de Manchúria.

\*\* N.A.: Bandeira de brocado. Veja nota na página 32.

Hiroito deu ordens expressas ao novo primeiro-ministro para que estabelecesse a paz com a China e freasse, para o bem da nação, a ambição do Exército e seu envolvimento em assuntos de políticas externa e interna. Inukai tomou as ordens ao pé da letra e, um ano após, estava morto. Não apenas os militares, mas “o próprio Hiroito garantia que qualquer plano de paz com a China não daria resultado, pois o pêndulo que tendia em mover-se em direção à moderação seria ‘corrigido para a direção oposta’”.<sup>71</sup>

## CASO XANGAI

O imperador não procurou reprimir as ações das sociedades secretas. A Cerejeira em Flor agia quase que abertamente. Não desejava paz com a China. Aqueles que ainda acreditavam nessa possibilidade tiveram seus sonhos desfeitos com o Incidente Xangai, em março de 1932, arquivado pelos japoneses.

“O caso Xangai foi uma provocação deliberada, armada por civis e marinheiros japoneses, cujo objetivo era provocar uma intervenção militar. Por várias semanas marinheiros combateram as forças do KMT nos subúrbios de Xangai. Aviões japoneses bombardearam civis chineses, causando milhares de mortes. (...) Onde quer que houvesse enclaves japoneses na China, as tropas japonesas foram impiedosas contra os civis chineses.”<sup>72</sup>

## A VIOLÊNCIA POLÍTICA EXTREMISTA

A violência política extremista no Japão crescia. “A sociedade secreta ‘Ketsumeidan’ (Irmandade de Sangue), fundada por Nosho Inone, que se tornara um missionário xintoísta

‘renascido’, acreditava que todos os males do Japão poderiam ser sanados se o país desdesse as costas ao século XX e retornasse à economia rural, sob seu divino imperador em contato direto com o povo; seu idealismo místico caminhava lado a lado com o método sanguinário de assassinatos seletivos para atingir seus objetivos.”<sup>73</sup> Conseguiu influenciar e converter à seita um pequeno número de oficiais da Marinha e jovens cadetes da Escola Militar. O sempre presente Dr. Okawa e Toyama, líder da Sociedade Dragão Negro, resolveram incentivá-lo.

“Em 7 de fevereiro de 1932, a Irmandade

de Sangue agiu pela primeira vez: um de seus membros, um estudante, matou a tiros o ministro das Finanças, que não fazia segredo de sua oposição aos gastos abusivos do Exército. O autor do atentado entregou-se à polícia. (...) Hiroito ficou chocado com o assassinato, mas consi-

derou-o um fenômeno isolado.

O próximo a morrer, quase um mês depois (5 de março), foi o Barão Takuma Dan, um velho banqueiro educado nos Estados Unidos e um proeminente incentivador da Liga das Nações, que foi atingido por tiros ao sair de seu escritório no centro de Tóquio. Essa morte foi um golpe para Hiroito, que temia perder prestígio, porque ela coincidiu com a chegada a Tóquio de um comitê da Liga das Nações encabeçado por Lorde Lytton, que investigava as circunstâncias do Incidente Mukden.”<sup>74</sup> Ocorre que o Barão Dan ofereceu um jantar aos visitantes na véspera de sua morte e representaria o Japão junto às discussões com Lorde Lytton. O assassino, como de outras vezes, apresentou-se.

Esse crime provocou a primeira repressão séria ao terrorismo. Mas a ação da polícia não foi capaz de impedir outro atentado, este de maior significado, o do primeiro-ministro Inukai, em **15 de março de 1932**, assassinado por outra irmandade terrorista do estilo “retorno ao campo”, Academia do Amor às Aldeias Nativas. O caso foi esclarecido, apenas em parte, após a guerra, pois “os investigadores do relatório *Bandeira de Brocado* foram inibidos pela compreensível relutância da polícia japonesa em abrir seus arquivos, pois envolviam explicitamente membros muito próximos a Hiroito”.<sup>75</sup> Imediatamente após, os assassinos se renderem à polícia militar japonesa.

“Muitos anos depois, o impecável *Bandeira de Brocado* incluía esta sinistra frase: ‘Não há dúvidas entre a população de que a conspiração (15 de março) não se limitou, de modo algum, aos homens que dispararam os revólveres’. E, ainda, relata que entre os papéis encontrados na casa do Dr. Okawa, depois do assassinato de Inukai, havia ‘documentos comprometedores’ pertencentes ao ministro do Selo Privado de Hiroito, o Conde Makino, e ao antigo ministro da Guerra, General Ugaki. Por isso, diz o *Bandeira de Brocado*, houve tanta pressão no tribunal, durante o último julgamento, para salvar o pescoço de Okawa. Na Manchúria o General Honjo escreveu enigmaticamente em seu diário que ‘os homens de ação militar desafiavam hoje a autoridade, sob as vistas de seus superiores, num ato negativo de ousadia’.”<sup>76</sup>

O longo julgamento transformou-se numa farsa e em palco para discursos “pa-

trióticos’ exaltados que eram publicados na imprensa. As penas foram muito brandas. “O Dr. Okawa condenado a 15 anos, reduzida (a pena) a cinco por apelação, levou-o à liberdade quase imediata.”

Seguiu-se uma série de conspirações por pequenas sociedades secretas impedidas de atingir os seus objetivos pela ação da polícia.

Isso nos anos de 1932 e 1933.

## A RETIRADA DAS NAÇÕES UNIDAS

Após a condenação do ataque japonês à Manchúria pelo relatório Lytton, o Japão reti-

rrou-se da Liga das Nações. “**No final do ano de 1933**, o isolamento do Japão era completo e havia um contraste assustador entre os planos de Hiroito no início da era Showa e a realidade – tanto que o imperador chegou a insinuar a Kido, em 1933, que estava pensando em renunciar.”<sup>77</sup>

Todavia, meses depois, seu humor havia mudado completamente. O “milagre” aconte-

cera. A imperatriz Nagako, finalmente, dera à luz um herdeiro. “O camareiro-mor de Hiroito correu ao seu gabinete com a boa notícia. ‘É um menino’, disse. ‘Eu mesmo vi os honoráveis sinais de sua masculinidade.’

O Marquês de Kido escreveu em seu diário: ‘Agora, por fim, o maior problema está solucionado’.”<sup>78</sup>

## O JAPÃO SEGUE SEU DESTINO NO SENTIDO DA GUERRA

A partir de 1932, Joseph C. Grew, “um experiente e astuto diplomata americano, tornou-se embaixador dos Estados Unidos

em Tóquio. Desde o início simpatizando demais com Hiroito e com o Japão em geral, Grew manteve um diário durante dez anos (mais tarde transformado em livro) e esteve mais próximo de Hiroito e sua corte que qualquer outro embaixador”.<sup>79</sup> As simpatias de Grew com o Japão foram se atenuando com o passar do tempo, embora, apesar dos pesares, procurasse dar ao imperador, na maioria das vezes, um crédito de confiança. Em seu diário registra, após longo período de observação, que “os processos mentais dos japoneses são diferentes. Um ocidental acredita que, porque um japonês adota trajes, linguagem e costumes ocidentais, ele vai pensar como um ocidental. Não se pode cometer maior erro”.<sup>80</sup> Embora em comentários pessoais com o imperador Hiroito se mostrasse preocupado com o chauvinismo japonês e uma onda de crescente

“nacionalismo feroz” em todos os setores, notava o embaixador que, “apesar dos comentários tranquilizadores de Hiroito, os mapas do Extremo Oriente, nas escolas primárias, mostravam desde 1933 a Cochinchina francesa (Vietnã do Sul), o Sião, as Filipinas e as Índias Orientais holandesas, todas sob a bandeira japonesa. (...) (...)”. Grew notou, nos primeiros dias de sua designação, que “é estranho viver num país onde cada um individualmente é muito amável, mas coletivamente se está consciente todo o tempo da desconfiança e animosidade contra seu próprio país”. (...) Grew escreveu em 1933 que o imperador era um homem de índole pacífica e dócil (...) e que não há razão para crer que ele

tenha aprovado a aventura na Manchúria porque a decisão não lhe competia. Mais adiante as referências a Hiroito em seu diário foram diminuindo sensivelmente: a impressão é de que, tendo se encantado a princípio, arrependeu-se depois de ter sucumbido aos encantos do imperador”.<sup>81</sup>

## A VISITA OFICIAL DE PU YI

**Ainda em 1933,** Hiroito recebeu, em visita oficial ao Japão, Henry Pu Yi. Foi a recompensa por quatro anos de comportamento dócil e de cooperação leal do imperador-fantoches do novo Estado de Manchukuo, criado pelo Japão, para dar aparência de independência à recém-conquistada Manchúria.

A visita deu margem a que fosse revelada “a natureza extraordinariamente ritualística da adoração do Exército ao seu imperador”. O Exército não admitia, como determinava o protocolo internacional, que Hiroito tivesse um posicionamento secundário em relação a Pu Yi. Hiroito rejeitava esse argumento “como uma violação ao protocolo e um gesto hostil para com o respeitável hóspede estrangeiro – embora fantoches era um imperador. (...) (...)”. A impressão é que esses oficiais obcecados com o protocolo testavam o terreno para ver até onde poderiam ir (...). Sem dúvida, a discussão onde o imperador deveria se colocar na estação de Tóquio pode parecer insignificante, mas o comportamento do Exército fazia parte da campanha iniciada pelos extremistas para eclodir o que restasse do liberalismo no Japão”.<sup>82</sup>

## REORGANIZAÇÃO DA ADMINISTRAÇÃO DE MANCHUKNO

Em setembro de 1934, foi aprovada por Hiroito uma reorganização da administração do Manchukno sob supervisão geral da polícia militar japonesa; logo em seguida, um documento amplamente difundido entre os militares, intitulado “O verdadeiro propósito da força nacional e propostas para construí-las” (começava com a premissa de Mussolini de que “a guerra é o pai da criação e a mão da cultura”), preconizava a “defesa nacional pela guerra total”, a arregimentação em grande escala do povo japonês e o “fim do individualismo ocidental”. **“Em dezembro de 1934**, Hiroito aprovou uma declaração sobre a política para a China que representou o rompimento definitivo com Chiang Kai-chek.

Por fim, **“antes do Ano Novo de 1935**, depois de prolongadas discussões com almirantes e oficiais americanos e britânicos, em Londres, o Japão anulou o Tratado de Limitação das Forças Navais.”<sup>83</sup>

## O RECRUTAMENTO PARA O EXÉRCITO

Havia uma questão grave no Exército japonês. Provinha do recrutamento. Com a miséria que se abateu sobre o país e a migração para as cidades, a grande maioria dos soldados e parte da oficialidade passou a originar-se das classes pobres e/ou empobrecidas. O problema foi levado ao imperador mais de uma vez. Quando por fim o General Honjo (ADC) tratou do tema, Hiroito respondeu-lhe que “era inevitável que oficiais e soldados que tinham fortes

laços com a vida agrícola se solidarizassem e se preocupassem com os camponeses, que estão em situação tão difícil; mas se eles se tornarem excessivamente preocupados com esses problemas apenas para dar vazão à própria fantasia, acabarão por piorar as coisas. E quando Honjo respondeu que era uma preocupação natural, Hiroito observou: “Sim, é claro que é necessário ser solidário com a miséria dos camponeses, mas eles, a seu modo, têm uma vida feliz. Não se pode dizer que os membros da aristocracia estejam sempre felizes. Gozei minha liberdade quando viajei pela Europa. As únicas horas em que me sinto feliz são quando posso experimentar semelhante liberdade (...). Portanto, os camponeses deveriam considerar os prazeres da natureza que estão ali para serem gozados e não fixar-se apenas nos aspectos desagradáveis de suas vidas. Em outras palavras, ao governar os camponeses, não se deve utilizar apenas princípios legais e sim enfatizar princípios morais”.<sup>84</sup>

Num momento em que a fome arrasava o nordeste do Japão e quando os pais vendiam suas filhas para a prostituição, em escala sem precedentes no século XX, Hiroito demonstrou enorme insensibilidade pela vida de seus súditos que passavam por grandes dificuldades.

**O ano de 1936** era esperado pelos supersticiosos como um ano difícil que seria acompanhado por algumas calamidades. No Exército corria o boato sobre a esperada guerra com a União Soviética. “Seria realmente um ano desastroso, mas foi a insensibilidade em relação à miséria dos camponeses e a raiva disseminada entre os jovens oficiais do Exército contra a ostentação dos industriais japoneses e

dos novos-ricos que iriam colocar Hiroito diante de seu mais sério desafio – e deixar uma marca permanente no Japão de antes da Guerra.”<sup>85</sup>

A SEGUIR:

A rebelião de 26 de fevereiro de 1936.  
A guerra com a China.  
Do outro lado do Pacífico.

#### CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<HISTÓRIA> / História do Japão /; Kimmel, Husband E. (Alte. USN) /; Ataque à Pearl Harbour /; Segunda Guerra Mundial /; Hiroito /; Chiang Kai-check /; Conquista da Manchuria;

## BIBLIOGRAFIA

No presente capítulo foi utilizado somente o livro de Edward Behn, “Hiroito, por trás da lenda”, tradução de Luiz Roberto Mendes Gonçalves, Editora Globo, São Paulo, SP, 1989.

- |                  |                  |                       |
|------------------|------------------|-----------------------|
| 1. Ib., p. 69    | 29. Ib., p. 92   | 57. Ib., p. 127.      |
| 2. Ib.           | 30. Ib., p. 94.  | 58. Ib., p. 128.      |
| 3. Ib., p. 70.   | 31. Ib.          | 59. Ib., p. 133.      |
| 4. Ib., p. 72.   | 32. Ib., p. 95.  | 60. Ib., p. 135.      |
| 5. Ib., p. 73.   | 33. Ib.          | 61. Ib.               |
| 6. Ib.           | 34. Ib., p. 96.  | 62. Ib., p. 136.      |
| 7. Ib., 74.      | 35. Ib.          | 63. Ib., p. 138.      |
| 8. Ib., p. 75.   | 36. Ib., p. 98.  | 64. Ib., p. 139.      |
| 9. Ib., p. 76    | 37. Ib., p. 99.  | 65. Ib., p. 141.      |
| 10. Ib., p. 77.  | 38. Ib.          | 66. Ib.               |
| 11. Ib., p. 78.  | 39. Ib., p. 100. | 67. Ib., p. 142.      |
| 12. Ib., p. 80.  | 40. Ib.          | 68. Ib.               |
| 13. Ib., p. 81.  | 41. Ib., p. 103. | 69. Ib., p. 143.      |
| 14. Ib.          | 42. Ib., p. 106  | 70. Ib., p. 144.      |
| 15. Ib.          | 43. Ib., p. 107. | 71. Ib.               |
| 16. Ib., p. 82.  | 44. Ib.          | 72. Ib., p. 145.      |
| 17. Ib.          | 45. Ib., p. 108. | 73. Ib.               |
| 18. Ib., p. 84   | 46. Ib., p. 115. | 74. Ib., p. 146.      |
| 19. Ib., p. 86.  | 47. Ib., p. 115. | 75. Ib., p. 147.      |
| 20. Ib.          | 48. Ib., p. 117. | 76. Ib.               |
| 21. Ib.          | 49. Ib., p. 118. | 77. Ib.               |
| 22. Ib., p. 87.  | 50. Ib., p. 119. | 78. Ib.               |
| 23. Ib., p. 88.  | 51. Ib., p. 120. | 79. Ib., p. 152.      |
| 24. Ib.          | 52. Ib.          | 80. Ib.               |
| 25. Ib., p. 89.  | 53. Ib., p. 122. | 81. Ib., pp. 153-154. |
| 26. Ib., p. 90   | 54. Ib., p. 123. | 82. Ib., p. 118.      |
| 27. Ib., p. 110. | 55. Ib.          | 83. Ib., p. 159.      |
| 28. Ib., p. 91   | 56. Ib., p. 124. | 84. Ib., p. 164.      |
|                  |                  | 85. Ib., p. 165.      |